

Regina

M. E. P. E. S.

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PROMOCIONAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE FORMAÇÃO E REFLEXÃO

O PLANO DE ESTUDO

O método pedagógico das Escolas
da Família Agrícola do Brasil

Semana de Aprofundamento orientada por

Sra. Magui Charpentier

De 05 a 09 de junho de 1976

M. M. P. E. S.

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PROMOCIONAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE FORMAÇÃO E REFLEXÃO

O PLANO DE ESTUDO

O método pedagógico das Escolas da
Família Agrícola do Brasil.

Semana de Aprofundamento orientada por
Sra. Magui Charpentier.
De 05 a 09 de junho de 1976.

ANCHIETA - ESPÍRITO SANTO

I N D I C E

APRESENTAÇÃO.....	01
I- JUSTIFICATIVA DO PLANO DE ESTUDO.....	02
II- ESCOLHA DOS TEMAS DE PLANO DE ESTUDO.....	09
III- METODOLOGIA DO PLANO DE ESTUDO.....	16
III.1- Introdução.....	17
III.2- Preparação do P.E. conversa sobre o tema com os alunos.....	18
III.3- Preparação do P.E. - Questionário.....	20
III.4- Registração do Plano de Estudo.....	35
IV- UTILIZAÇÃO DO PLANO DE ESTUDO NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS.....	38
RELAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	50

A P R E S E N T A Ç Ã O

O Plano de Estudo, assunto escolhido para a Semana de Aprofundamento de 1976, foi sempre considerado o método específico das Escolas da Família Agrícola. Existe, sobre isso, uma boa literatura francesa, italiana, espanhola, argentina, africana. Não existia, porém um estudo e respectivo documento "brasileiro" sobre o Plano de Estudo. Com o presente trabalho pretendemos eliminar a falha.

Trata-se, portanto, de um trabalho nascido da experiência e reflexão dos monitores das EFAs do Brasil orientados pela professora e amiga Magui Charpentier.

O trabalho seguiu às seguintes etapas:

- expressar e classificar as dificuldades encontradas na praxi educativa da alternância;
- situar e justificar o Plano de Estudo dentro da pedagogia da alternância;
- aprender um método de análise das vivências do nosso meio rural para extrair possíveis temas de Planos de Estudo;
- a partir do primeiro ponto, rever a metodologia da aplicação certa do Plano de Estudo;
- encontrar a ligação entre vida e Escola por meio do Plano de Estudo;
- redigir um documento "brasileiro" sobre o Plano de Estudo.

Desta forma, as EFAs do Brasil possuem um instrumento didático adaptado ao seu meio que será um valioso subsídio para a formação de novos monitores e para consulta e aprofundamento dos mais antigos.

O primeiro agradecimento deve ser aos participantes da Semana de Aprofundamento, os Monitores.

Em segundo lugar é preciso agradecer a Magui Charpentier, que soube orientar e coordenar todo o trabalho.

Finalmente é preciso agradecer aos que secretariaram, redigiram e publicaram.

Mais uma vez, esse trabalho é o resultado de uma certa filosofia da Educação que nada mais é que reflexão a partir da experiência.

Vitória, 27 de outubro de 1976.

A Equipe do C.F.R.

- I -

JUSTIFICATIVA DO PLANO DE ESTUDO

OBJETIVO: Partir das experiências das EFAs para encontrar o sentido do Plano de Estudo.

CONCLUSÃO DOS TRABALHOS

JUSTIFICATIVA DO PLANO DE ESTUDO

Há diferentes níveis de justificação do Plano de Estudo:

- 1- A partir das experiências das EFAs no mundo;
- 2- A partir da pedagogia da alternância;
- 3- A partir das necessidades dos meios rurais em geral e dos meios rurais marginalizados em particular;
- 4- A partir de uma filosofia da pessoa.

- 1- As experiências do P.E. nos países que adotaram o sistema da alternância.

Histórico:

1.1- Na França: As Maisons Familiaes (EFA) nasceram com o sistema de alternância em 1935. Mas o P.E. não nasceu com a alternância. Primeiramente existia a idéia de fazer os alunos refletirem sobre a realidade, para comparar esta realidade com o que se dizia nos cursos. Simultaneamente se procurou também, através da metodologia da Apão Católica de VER - JULGAR - AGIR, a educação da consciência.

Com o crescimento das EFAs, chegaram os agrônomos e pedagogos. Pensaram em fazer monografias (avô do Plano de Estudo), ou seja, um estudo sobre a realidade como faziam os engenheiros durante os seus estágios, para olhar a propriedade do pai. Mas, olhava-se por "fora" com atitudes de superioridade.

Disto nasceu outra idéia de ficar por dentro da realidade, analisando-a e refletindo-a. Neste momento nasceu o Plano de Estudo por volta de 1955 com a finalidade de o aluno descobrir a sua própria realidade.

Deu resultado no meio da pequena e média : propriedade com meeiros, arrendatários, com alunos que tinham em geral o primário. Agora muitos deles têm responsabilidades no meio rural (sindicato, cooperativa, agricultura em grupo, agropecuário, política, etc....).

- 1.2- Na África: Em 1963, a mesma experiência começa na África - entre pessoas analfabetas, e, se perguntou o que deveria fazer. Isso obrigou a equipe da África a pensar em novos métodos. Estes métodos tinham que:

- procurar o melhoramento da expressão
- levantar grupos submersos na sua realidade de dependência cega à cultura, aos costumes, aos velhos e chefes.

Daí se concebeu o Plano de Estudo como uma tomada de consciência da situação e como um primeiro passo para uma mu-

dança. Então se voltou não só para as técnicas agrícolas como também para os setores políticos, religiosos e sociais.

Inventa-se também o Plano de Estudo oral ou dramatizado para os alunos que não sabem ler e escrever. Além disso o trabalho se fazia com a comunidade (tribo) visto que a família tipo europeu não existia.

- 1.3- Na Argentina: O processo foi semelhante ao da Europa mas adaptando os conteúdos à realidade vivencial do país. A metodologia da Europa caminha bem. Depois de 6 anos os pais e os alunos são os melhores defensores da atividade. (Os monitores têm os mesmos problemas que no MEPES, muitas vezes).

O último êxito está sendo com alunas índias. São duas que frequentam uma EFA, Uma delas é neta de um cacique famoso. No seu primeiro P.E. - A minha família - ela volta para a Escola com um trabalho de 9 folhas de caderno, tinha muito o que dizer, pois a história da tribo era interessante. Terminava o trabalho falando da coragem da sua tribo frente a miséria. Sabendo como é difícil integrar os índios na vida atual, pode-se considerar este trabalho um grande êxito. Esta aluna é a mais dinâmica do seu grupo.

- 1.4- MEPES: Numa visita feita às EFAs de Alfredo Chaves e Olivânia, o casal Charpentier fez a seguinte avaliação:

No conjunto, os temas de P.E. que encontramos nos Cadernos da Propriedade das Escolas de Olivânia e Alfredo Chaves, nos pareceu bem escolhidos na medida em que pudemos compreender, se bem que pouco, a situação da região:

Achamos interessante os temas sobre a "História da Família" e sobre a "Comunidade". E perguntamos se em um país de imigrantes não seria interessante desenvolvê-los - mais para utilizá-los ao máximo na História e na Geografia, tentando fazer nascer a partir do valor (expressão) das famílias, uma altivez de pioneiros.

Os monitores com quem discutimos, nos colocaram um certo número de questões relativos à maneira de proceder:

- Número de Planos de Estudo por ano
- Número de Planos de Estudo sobre o mesmo assunto (tema)
- Extensão do questionário
- Método da apresentação das questões e das respostas dos alunos no Plano de Estudo
- Método das correções, etc...

Para este gênero de questões, não podemos dar respostas, não estando em contato com os alunos? a resposta não poderá ser encontrada senão em uma procura feita pelos próprios monitores: tentativas sobre os diferentes modos de agir de várias pessoas, confronto e análise dos resultados, elaboração de um método. Procedendo de outro modo, não

faremos mais que copiar o método francês que de uma parte esta ainda em situação de busca e de outra parte não conferiria com a realidade brasileira:

Se olharmos agora o espírito que parece distinguir os questionários examinados e as respostas dos alunos, poderemos no conjunto fazer boas críticas. Com efeito, de um modo geral, os alunos narram a situação vivida na sua família. Não se encontram aparentemente respostas inventadas ou copiadas de livros. Para um mesmo tema, uma mesma escola, as respostas dos alunos são diferentes umas das outras, o que nos permite pensar que a expressão pessoal de cada um é favorecida e desenvolvida pelo monitor. Percebe-se também uma clara progressão na expressão entre o primeiro e o segundo ano. Tudo isso nos parece excelente.

Em 1972, o MEPES fez um estudo muito interessante sobre o melhor e o pior Plano de Estudo em cada EFA.

Em 1976 nos encontramos com muito desânimo. Por sorte existem uns êxitos e também a experiência do CESEDIC em Barra do Mendes em um meio semi-analfabeto e mais pobre que o meio dos agricultores do MEPES. Onde está o problema?

Podemos partir da constatação seguinte:

- Até agora o Plano de Estudo deu resultado em situações muito diferentes (filhos de proprietários, meeiros, arrendatários, com analfabetos, semi-analfabetos e outros).

- Deu mais resultado quando um grupo humano soube adaptar os métodos às suas necessidades.

Vamos dar outros elementos de reflexão.

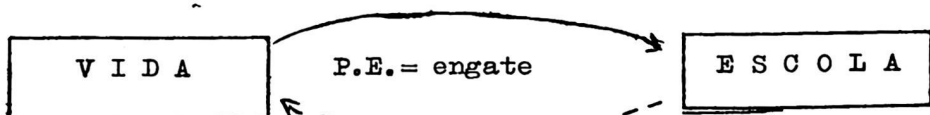
2- A partir da pedagogia da alternância.

O Plano de Estudo tem um lugar privilegiado na aprendizagem pela alternância.

A pedagogia da alternância tem:

- 1º tempo - experiência na vida com um tempo de análise.
- 2º tempo - reflexão na escola

Lembramos a situação do PE numa aprendizagem por alternância



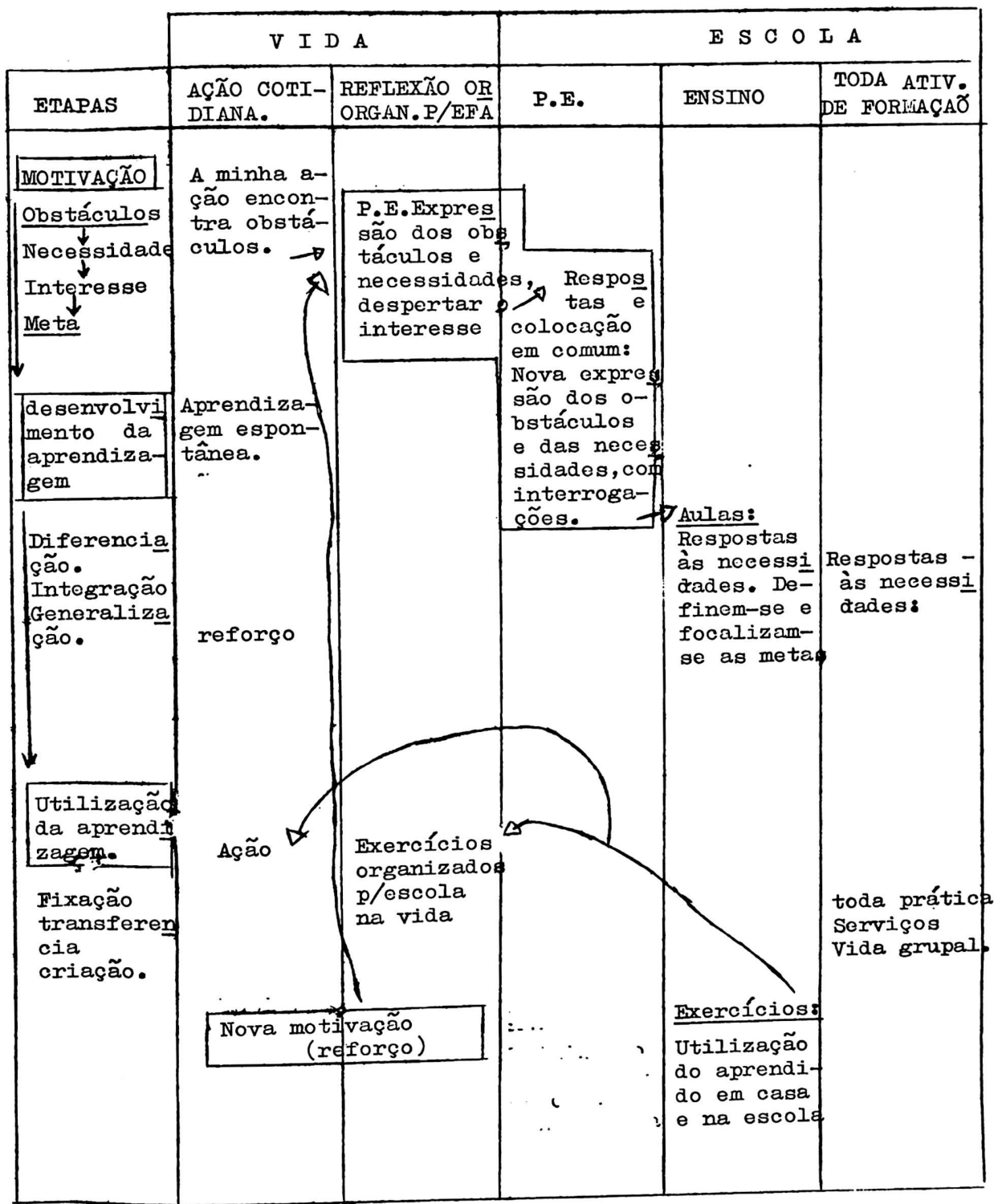
O P.E. tem a função de ligar os dois tempos.

A aprendizagem é um processo que se desenvolve em tres momentos:

- 1º- Motivação
- 2º- Desenvolvimento da aprendizagem
- 3º- Utilização da aprendizagem.

Onde se situa o P.E. dentro deste processo?

APRENDIZAGEM NA ESCOLA-FAMÍLIA



- O P.E. que não serve na vida corta o processo de aprendizagem e desanima os alunos.
- O P.E. não é um tempo para descobrir e que fazer, mas para descobrir o que se está fazendo.
- O P.E. é a primeira tomada de consciência da realidade do próprio aluno.

3- A partir das necessidades do meio rural

Os meios rurais em geral e os meios rurais marginalizados precisam se expressar para tomar consciência.

- O P.E. é um método de descobrimento, de análise e de expressão da minha realidade, feito na minha linguagem e num diálogo com a família e com a comunidade.
- O P.E. não é só para o aluno mas também para o meio. Buscamos a promoção não só do aluno mas, através do aluno, buscamos também a promoção do meio.
- Os monitores estimulam os alunos e os alunos estimulam os pais e a comunidade.
- O P.E. é um processo psico-sociológico para:
 - descobrir e expressar a minha realidade e torná-la interessante;
 - descobrir e expressar a minha realidade tomando distância dela;
 - esta tomada de distância deve ser feita com confiança, com ajuda de uma outra pessoa que dá valor ao que é meu (atitude do monitor).
- Num meio rural, mais ainda num meio rural marginalizado, estas operações se tornam mais difíceis porque encontramos:
 - dificuldade de expressão
 - dificuldade para tomar a distância
 - dificuldade para relatar.
- Temos que lembrar porém que existem muitas maneiras de se expressar. Cabe ao monitor escolher a maneira que mais se adapta aos seus alunos.
- Quando este processo de expressão se realiza o pessoal levanta a cabeça e se torna mais gente. O mesmo processo enriquece as relações humanas.

OBS: Às vezes as pessoas confundem tomada de distância e conscientização. Os dois conceitos não são contraditórios. A tomada de distância é o começo da conscientização.

4- O P.E. corresponde a uma filosofia da pessoa (antropologia).

- Com o P.E. consideramos os alunos e os pais como pessoas livres, conscientes, autônomas e capazes de entrar em relação com os outros.

- A tomada de distância é uma maneira de começar a ser livres, conscientes e autônomos.
- O Plano de Estudo coloca em marcha o processo de formação.

CONCLUSÃO:

Vimos quatro aspectos para justificar o Plano de Estudo. Poderíamos encontrar mais. Porém a verdadeira justificativa é interior a cada um e a sua própria motivação, na sua própria vocação; e a escolha de um tipo de educação que agrada. Cada um tem que encontrá-la.

- II -

ESCOLHA DOS TEMAS DO PLANO DE ESTUDO

A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DO MEIO DOS ALUNOS

OBJETIVO :

Ter um método para escolher temas que estejam de acordo com a realidade dos alunos.

1. Apresentação do tema: Método para analisar a realidade e vivências do meio dos alunos.
2. Proposta de temas de Plano de Estudo.
3. Sugestões para seguir o trabalho.

1- Apresentação do tema: Método para analisar a realidade do - meio dos alunos.

1.1- As vivências

A realidade de nossos alunos se apresenta a partir das vivências do meio, das suas condutas e comportamentos.

Vivências são os comportamentos cotidianos habituais dos membros da família e do meio que os cerca. Essas vivências são o resultado do estímulo do meio físico ou do meio social sobre a pessoa; o meio social é portador de imagens enraizadas ou projetadas, de normas e valores.

Podemos precisar a partir de um exemplo:

"Na região de São Mateus, mulheres grávidas não comem carne de vaca, só comem carne Francã (de galinha)."

A explicação disso pode ser o fato que talvez houve casos de mulheres que sofreram de brucelose, provocando o parto prematuro. É uma vivência proveniente do estímulo do meio social sobre a família.

Ele, pouco a pouco, fabricou a imagem que, para a saúde da mulher grávida, é boa a carne de galinha. É uma imagem enraizada; passada na tradição se transforma em norma: "A mulher grávida não deve comer carne de boi". A carne de galinha tem valor de salubridade.

Uma imagem não é sempre enraizada. Num bar é costume tomar "vitaminas" e não pedir suco de frutas. Esse nome representa uma imagem projetada, vinda de um meio social que através das revistas, rádio, televisão, se entusiasma por aquilo que tem um caráter "moderno" de tipo científico.

1.2- Análise das condutas

O que sabemos das pessoas e grupos são as condutas. Geralmente ficamos aqui, não buscamos mais profundo. No entanto, as condutas são somente "a casca" das pessoas. Revelam-nas somente como sinal do que acontece dentro.

A estrutura das pessoas se pode analisar assim:

- As condutas são respostas aos estímulos externos. (ver gráfico (1) Mas, salvo os reflexos (e não todos) estas respostas são elaboradas por um conjunto de pessoas, uma sociedade, utilizando como ferramenta uma linguagem, instrumento de pensamento.

- O primeiro terreno interno das condutas, vamos chamar de "imagens e técnicas". As imagens (ver gráfico, (2)(3) são a representação estável de que tenho que fazer em determina do caso. Por exemplo, para mim, a conduta "sentar-se" (resposta ao estímulo "cansasso") tem por imagem "cadeira". Mas esta

imagem é relativa a minha cultura. Numa outra cultura, será: um banco, um tamborete, uma almofada, etc...

As imagens são primeiramente as que nos chegam - do nosso meio mais próximo: a família, a comunidade... Elas se formam desde o início de nossa vida e se impregnam a ela. Estas chamaremos de imagens enraizadas.

Mas o homem é também "ser de projeto": Quer imaginar ou sonhar o seu futuro. Quando ele vive num meio fechado, as "imagens projetadas" que ele constroi não são outras imagens enraizadas melhoradas.

Mas hoje, a televisão, o rádio, o livro, etc.... trazem outras imagens projetadas, totalmente diferentes, e muitas vezes opostas às imagens enraizadas.

As técnicas tem uma relação estreita e dialética com as imagens: são o processo de fabricação e de uso do objeto que serve como suporte da imagem. No nosso caso é a fabricação da cadeira, e, também o modo de usar a cadeira, de kimpá-la, etc....

- O segundo terreno interno, chamaremos "as normas" (ver gráfico, (4),) se expressam como uma ordem, uma obrigação: "tal coisa se faz assim"; "isso não se faz". Por exemplo, na conduta "sentar-se": Um se senta numa cadeira. Existem normas escritas: a constituição, as leis, etc.... Mas a maioria é oral e até não se expressa numa situação normal: Somente - quando existe dúvida ou infração.

Imagens e normas são a ferramenta duma "economia mental", neste sentido que permitem atuar na vida corrente sem refletir. A reflexão pode ser dedicada, então, às atividades mais complexas de crítica, transformação, criação. Mas tal ferramenta é ambigua: Também pode permitir a "não-consciência", raiz de qualquer conservantismo.

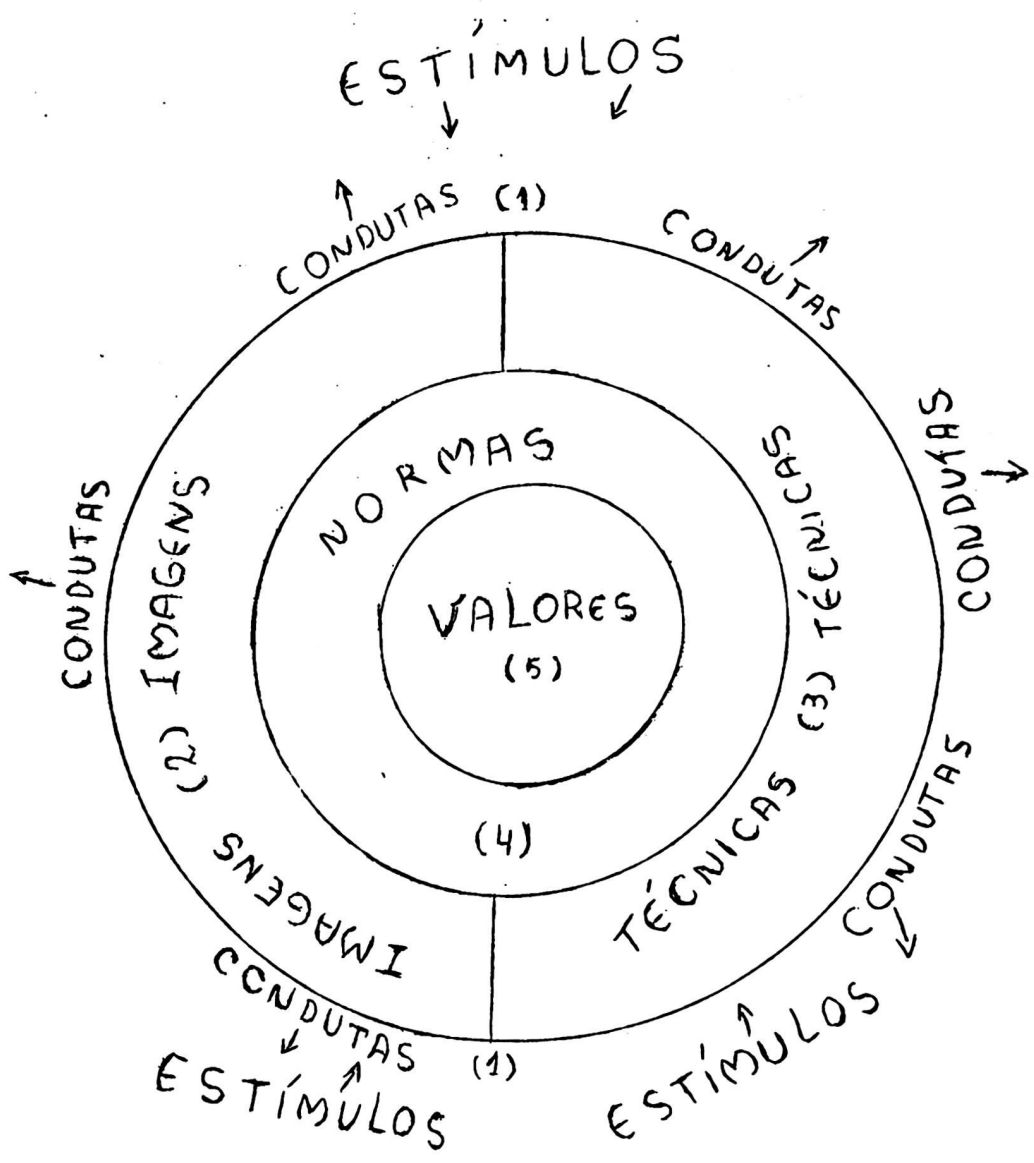
- Encontramos, enfim, o terreno das motivações profundas das condutas a que chamaremos "A avaliação". (ver gráfico (5),). Para nós, é o núcleo central, a motivação. Nos conduzimos deste ou daquele modo porque.... e aqui se expressa o valor. Nos sentamos numa cadeira "porque faz parte da boa educação". Sentar-se no chão "é sinal de má educação". "Boa educação" expressa o valor de saber e de dignidade. - Praticamente, não existem condutas "não valorizadas", quer dizer, para as quais o homem não dê um sentido de valor. Qualquer conduta é "sinal de um valor".

Agora, podemos dizer: "mas tal conduta é evidentemente não-valor, pode ser efetivamente não valor ou seja - contra-producente para cada pessoa ou toda a sociedade: - buscar um valor não garante encontrá-lo: o ser humano é am biguo.

Também pode acontecer que nós, a partir de nossa cultura, interpretemos como não-valor uma conduta que não entra no chão da nossa cultura: projetamos sobre outra cul-

tura o sistema de avaliação da nossa cultura.

Se admitimos que educar é ajudar a compreender e transformar, é evidente que para educar temos que descobrir e fazer descobrir o sistema profundo das condutas: isso é permitir que o ser humano se compreenda a si mesmo. Para transformar-se, deve primeiro compreender-se. Para transformar-se sem alienar-se, precisa uma bússola: os valores que guiam as suas condutas.



2- Proposta de temas de Plano de Estudo

A partir da precedente reflexão se pode ver quais são os temas a escolher para o P.E. Mais que de tema se trata de sugestões. Cada EFA poderia agrupar e ampliar as propostas segundo a análise que fará na sua escola. Depois de uma experimentação terá que ser vista de novo a escolha.

2.1- No setor do trabalho

- Influência da lua nos cultivos
- Tradições e costumes
- O tempo
- Educação de nossa família
- Trabalhos diários de nossa família
- A mão de obra
- As formas de trabalho da mulher (analisar todos os setores da casa, alimentação, limpeza, cosinha, a roupa, etc...).
- As profissões de nossa comunidade (F.O).
- As formas de trabalho em nossa comunidade (F.O).
- As ferramentas e os maquinários
- As culturas existentes em nossa propriedade (pode-se estudar cada uma separada ou a cultura principal).
- Conservação do solo (adubo, curva de nível, irrigação....)
- A comercialização dos produtor
- A cultura principal (gado, leite, horta, madeira...)
- Segurança no trabalho.

NOTA: *O agricultor é um trabalho, por isso deve-se dar muitos Planos de Estudo sobre o trabalho.

* Pensar nos arrendatários e meeiros: insistir sobre o trabalho e não falar da propriedade.

2.2- No setor da economia familiar (muito perto do trabalho)

- Compra e venda no lar e na propriedade
- Gastos para um cultivo e o gado
- Comercialização da banana e dos outros produtos
- Contribuição dos filhos na renda familiar
- Venda aos intermediários
- Nós e a Cooperativa (se existe)
- Erradicação e novo plantio do café na nossa propriedade
- completar com uma pesquisa no município.

* Para completar estes temas se pode fazer as seguintes pesquisas:

- Percurso do produto do produtor ao consumidor
- Contribuição da Agricultura para a melhora do nosso município.

2.3- No setor da comida e da saúde

- A alimentação da nossa família (quotidiana)
- Os alimentos que comemos (produzidos na propriedade ou comprados)
- A preparação dos alimentos
- As conservas
- Alimentação, domingos e dias de festa
- Os tabus alimentares
- As doenças e acidentes da família (insistir sobre as mais importantes, verminose, por exemplo).
- Saúde e doença da mulher grávida e das crianças
- O nosso combate às doenças
- A organização do município para a saúde (F.O)
- As vacinações

2.4- No setor do descanso e das diversões

- Ocupação do tempo livre
- O repouso
- O boteco
- O futebol
- As festas juninas
- Jogos e brinquedos

2.5- No setor Encontros e meios de comunicações

- Os caminhos e estradas
- Os pontos de encontro (igreja, campo de futebol, bar, casa - de família, grupo escolar, cursos de formação, ...).
- Utilização da igreja (prédio) pela comunidade
- Desenrolar de um círculo familiar
- Sistema de formação para líderes (pesquisa)
- A escola no meio rural, para nossa família.
- Os meios de comunicação: Rádio e outros.

2.6- No setor religioso

- As práticas religiosas dentro de cada religião (obrigações, ritos, festas específicas, costumes, educação da fé, utilização das estruturas religiosas para "conscientização" e formações; Dentro da convivência da família, qual a influência da religião?
- Dentro da vivência da comunidade, qual a influência da religião?
- Dentro do trabalho, qual a influência da religião
- De que maneira os jovens encaram e vivem a religião, e em comparação às pessoas mais idosas.

3- Sugestões para seguir o trabalho

A sessão (semana de aprofundamento) é o começo do trabalho. Seria bom que cada escola siga a pesquisa:

- ao nível da análise de vivências
- ao nível de escolha e experimentação dos temas de - P.E.

Para o primeiro trabalho, aconselhamos utilizar todas as ocasiões que aparecem para conhecer o meio:

- visitas
- reuniões de pais, da comunidade
- comportamentos dos alunos

Ter na escola um caderno onde se colocam as observações, utilizando o quadro seguinte:

<u>Vivência</u>	<u>Descrição</u>	<u>Imagens</u>	<u>Técnicas</u>	<u>Normas</u>	<u>Valor</u>

Cada vez que um monitor observa uma vivência, anota-a; De vez em quando, fazer uma reflexão em equipe para analisar e interpretar.

- III -

METODOLOGIA DO PLANO DE ESTUDO

- 1- Introdução
 - 2- Preparação : Conversa com os alunos
 - 3- Preparação: Questionário
 - 4- Registro e correção do Plano de Estudo.
-

III.1- INTRODUÇÃO

Com essa parte entramos nos aspectos metodológicos. Estudaremos apenas:

- a preparação do P.E.: conversa com os alunos questionário
- a correção do P.E. e o registro das respostas.

Para situar esse estudo, vamos recomendar as etapas do Plano de Estudo:

<u>ALTERNÂNCIA</u>	<u>ETAPAS</u>	<u>OBJETIVOS</u>
Fim da estadia na E.F.A.	<ul style="list-style-type: none"> - Escolha do assunto do P.E. e busca na vida prática. - Conversa sobre o assunto com os alunos - Elaboração do questionário a ser levado em casa. - Ditando ou entregando o questionário aos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> - Adequar o assunto com as etapas da educação do aluno; - Conhecer e entender a vivência do meio ambiente; - Motivar o aluno a falar e pesquisar com os pais - A partir da motivação do aluno, preparar a motivação para os pais e dirigir a pesquisa familiar; - Precisar o trabalho e a metodologia;
Estadia em casa	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura do P.E. com a família; - Pesquisa - Elaboração das respostas 	<ul style="list-style-type: none"> - Colocar em comum com a família o que o aluno vai pesquisar. - Recolher dados, fatos, opiniões, apontamentos, etc.... - Reunir os dados da pesquisa
Estadia na E.F.A.	<ul style="list-style-type: none"> - Correção - Colocação em Comum 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a expressão da pesquisa pelo aluno; - Conhecer o resultado da pesquisa dos outros alunos. Relativizar, colocar o próprio caso dentro dos demais;

Continua.....

<u>ALTERNÂNCIA</u>	<u>E T A P A S</u>	<u>O B J E T I V O S</u>
Estadia na E.F.A.	- Busca de interrogações - Utilização para a educação.	- Colocar e expressar problemas a partir da pesquisa feita - na família: Classificação destes problemas. - Contestar os problemas com as áreas distintas e as atividades da EFA.

III.2. PREPARAÇÃO DO P.E. - CONVERSA SOBRE O TEMA COM OS ALUNOS

1- Os objetivos da conversa

- O aluno se motivar para fazer uma pesquisa sobre a sua própria vida, com os pais ou com a comunidade.
- O tempo da conversa é um tempo de motivação onde o aluno diz o que sabe mas chega a um momento onde não sabe e tem que perguntar para buscar resposta.

2- Psicologia da motivação na conversa

- Como os alunos se motivam sobre a sua própria vida? Temos 3 pontos: O monitor, o aluno e a realidade:
 - 1ª)- O monitor como estímulo da motivação;
 - 2ª)- O aluno como sujeito da motivação. Depois os pais. Dupla motivação: fazer com que os alunos motivem os pais.
 - 3ª)- Realidade-Análise da realidade como meta da motivação.

1ª)- Condições do monitor para ser estímulo:

(a motivação não é do monitor: mas é dos alunos).

1ª Condição - Conhecer o meio dos alunos. Conhecer com solidariedade e não como um sociólogo. Conhecer porque gostamos deste meio, e gostar até da linguagem. Isto é uma busca permanente na escola.

2ª condição - Apreciar o meio para descobrir os valores que estão atrás das condutas.

2ª)- Condições do aluno para ser sujeito:

(seus interesses saem da necessidade).

PROBLEMAS

DO

AMBIENTE

- 1- As necessidades essenciais tem que ser satisfeitas: fome - sono - atividade.
- 2- A necessidade de segurança, que é uma necessidade muito importante a nível do adolescente e a nível do meio rural.
 Importância do ambiente educativo na escola, que influência muito na possibilidade de adolescente se expressar.
- 3- Começar a conversa utilizando as vivências - pulsionais do adolescente, utilizando a necessidade do EU individual: o tempo da adolescência é um tempo em que vai sair da sua família. Então o EU vai ser muito importante.

3- Metodologia da conversa

- 1º tempo: incentivação dos alunos
- 2º tempo: busca de pistas de pesquisa

Deve-se procurar uma metodologia adaptada segundo a idade dos alunos. Se uma turma é muito misturada, pode-se fazer grupos diferentes na escola para a conversa. Sendo alunos semi-analfabetos aplicar uma metodologia adequada.

1º)- Com alunos jovens adolescentes

- Monitor propõe falar sobre exemplos vividos (situações ou acontecimentos) ligados ao assunto que ele quer propor.
- Os alunos falam, contam, descrevem.
- O monitor faz perguntas do tipo: Como? Porque? Utilizando as palavras dos alunos. Pode ser utilizado o quadro para anotar as palavras "típicas" dentro do assunto. O monitor pergunta até não ter mais respostas.
- Deve-se organizar os ítems vendo todos os aspectos.
- E escolher os aspectos que interessam mais aos alunos para não carregar demais num assunto só.
- O monitor cuida que as perguntas tenham respostas.
- O monitor indica a quem perguntar, onde... (fontes de informação).
- O monitor deve justificar a utilidade da pesquisa fazendo ligação com o trabalho na escola e com a própria vivência dos alunos.

2ª)- Com alunos adultos

Rapazes acima de 16 anos têm mais capacidade de análise, síntese e reflexão sobre sua vida. Os monitores devem ter continuidade - na conversa com eles para que adquiram mais elementos para fazer a escolha de seus projetos.

Os adultos já tem seus pressupostos - na cabeça, então deve partir desses e não do projeto da EFA.

1- Metodologia

- Encontrar um ambiente agradável (sala de aula)
- As cadeiras em círculo para que todos se vejam
- Inicialmente uma colocação de problema
- Individualmente, reflexão sobre o problema(c/anotações).
- Troca de idéias em grupos espontâneos
- Em grupinhos, análise das idéias e síntese
- No grupo, classificação.

- LEMBRETES:
1. Escolha dos itens da pesquisa;
 2. Organização dos assuntos e dos grupos
 3. Debates;
 4. Ver como, onde, quando e a quem perguntar;
 5. Estudo em grupo;
 6. Indicação de bibliografias....

III.3- PREPARAÇÃO DO P.E. - QUESTIONÁRIO

1- Fundamentação da metodologia do questionário

Lembramos os objetivos:

- A partir da motivação do aluno preparar a motivação do pai ou da comunidade;
- Dirigir a pesquisa no meio da vida.

1.1. Fundamentação a nível dos pais e da comunidade

Começaremos com um estudo da mentalidade rural:

- As pessoas do meio rural se expressam com uma linguagem sincrética. O seu pensamento é denso, o seu universo vocabular é global, por isso dá - impressão de pobreza às pessoas de cultura "letrada".

Transcrevemos aqui um estudo feito por duas monitoras da APEFA no trabalho de especialização (3º ano de formação). É uma tradução livre onde colocamos exemplos brasileiros.

" O homem do campo realiza sozinho a sua atividade diária, com o seu cavalo, os seus bois, a sua máquina, concentrado no seu trabalho, observando a natureza em todas as suas manifestações. Não tem possibilidade de dialogar com os outros, como o homem da cidade. Observa o sol, o céu, as aves, a cor e a forma das nuvens, os distintos aromas da natureza, a direção do vento. Distingue as aves pelos seus gorgeios, suas cores. Sabe quando vai mudar o tempo, quando é tempo do plantio e da colheita. É um observador nato, capta o mundo através da percepção global das coisas. Cada fato que acontece na natureza tem uma mensagem para ele, lhe transmite algo. Não tem necessidade de verbalizá-lo numa oração completa.

Por exemplo diz: "Vai chover." Supõe-se que o outro o compreende perfeitamente, já que a natureza está expressando-o de mil formas: o vento, a umidade, os aromas, as nuvens, o sol... Podemos dizer que a sua linguagem é sincrética. Quando por exemplo expressa: "A vida hoje é mais fácil..." é uma estimativa global de toda uma experiência. Essa expressão contém muitas coisas, está carregada de muitas significações: que apareceu a máquina, simplificando o trabalho, também veículos diminuindo as distâncias, o conforto, tornando mais fácil a vida em casa. Por outra parte, não busca explicações para tudo o que lhe rodeia. Atribui à mecânica natural do universo (comparando com a natureza) cujas forças extra naturais, em manifestações como: "Se Deus quiser chegaremos, colheremos..." (aqui não entramos na fé religiosa) Aceita a perda da colheita por chuva ou seca como manifestação da vontade de Deus.

Para se comunicar com os seus semelhantes, não precisa falar nem escrever bem; o mesmo quando precisa ir à cidade a negócio: Se tem que fazer alguma transação, sempre existe alguma pessoa mais instruída que pode ajudá-lo.

Quando precisa explicar fenômenos ou fatos, situações diversas, o faz através de comparações: Como o seu mundo é muito concreto, não faz abstrações ou generalizações, mas compara, o que lhe permite se explicar totalmente e ser compreendido pelo outro. Aqui temos três provérbios explicando como os filhos são semelhantes aos pais:

- " Filho de peixe, peixinho é".
- " Não nega a raça"
- " O cavaco não cai muito longe do toco".

E outros:

- "Nem tudo que reluz é ouro"
- "Está com a corda no pescoço"
- "Está estudando pra burro"
- "Vou fazer um trabalho de branco"
- "Mulher e cachaça em todo canto se acha"
- "Voce fala bem mas não entoa"
- "As coisas velhas se guardam ainda 7 anos"....

O universo vocabular do homem do meio rural é muito rico quanto a número de palavras que se utiliza para nominar fatos, coisas, objetos... por exemplo, conhece as diversas variedades de ervas que se encontra no campo, as distingue através do que em

percebe: vantagens ou inconvenientes que tem, o seu odor... conhece as árvores, os insetos, os bichos que moram na mata. Sabe distinguir também os seus costumes, a sua forma de vida, por um semi-número de sinais. Num rebanho de vacas da mesma raça, onde o homem da cidade só reconhece animais, ele identifica cada uma, em todas as suas características: a que dá muito leite, a que teve dois bezerros uma vez, a que não deixa ordenar, a não ser pelo patrão, etc....

Mas o que ele conhece é o que se pode observar, lembrar, comprar. A sua explicação não é do tipo científico, apesar de às vezes coincidir pela profundidade de sua observação.

Assim como conhece cada elemento do seu meio de vida - e trabalho, também domina enorme quantidade de palavras que indicam ações. Ao contrário, é muito reduzido quando tem que indicar as qualidades destas coisas ou ações concretas, ou seja defini-las com palavras que não representam diretamente os objetos de língua, podemos dizer que ele domina muito bem os verbos e os substantivos, mas não do mesmo modo os adjetivos.

O pessoal do meio rural tem muito o que dizer porque vive e observa intensamente. Mas precisa instrumentos, suportes para analisar a sua experiência, expressá-la de um modo analítico, e assim permitir a pessoas de outra cultura entrar no seu mundo mental.

Agora comparamos este estudo com os passos do método:

Chapéu ou motivação - A partir de que se pode motivar o pessoal do meio rural.

- * Uma atividade, um acontecimento
- * Uma informação mais geral (dentro do que ele está implicado).
- * Uma evolução
- * Uma aspiração
- * Uma carência ou uma necessidade

Fato concreto - Para a psicologia do homem do campo tem que ser um fato concreto que a gente vive. Fato bem delimitado no tempo e no espaço.

Descrição
Quem/Quando
Como/Circunstâncias.

Análise

Causas
Razões
Resultados
Consequências
Vantagens
Desvantagens

- Com o questionário tem que dar muitas pistas para o aluno desenvolver a sua expressão global. O homem do campo diz as coisas de uma maneira mais rigorosa que o pessoal da cidade se lhes damos pistas para se expressar.

Comparação

No espaço e no tempo.
Descrição
Análise
Resultado

- A comparação é um modo de expressão do homem do campo. (vide os provérbios). Além disso a comparação prepara a generalização.

Reflexão e Idéia geral - Para chegar a tomada de distância e tomada de consciência.

1.2. Fundamentação a nível dos alunos

- Os alunos são do meio rural. Tem a mesma mentalidade dos seus pais.
- Os alunos precisam um guia para pesquisar. Nenhum aluno sabe buscar sozinho.
- Além disso, o método do questionário está muito perto do método de investigação científica e por isso desenvolve a inteligência do jovem que pouco a pouco aprende a pesquisar com rigor.

Motivação



Fato concreto



Análise



Comparação



Reflexão



Idéia geral

Hipótese



Experiência



Análise



Comparação entre Experiências



Interpretação



Generalização (leis, princípios).

Conclusão : Notamos que estes processos, em geral, são diferentes do processo de estudo do ensino que começa sempre com a idéia geral.

2- Críticas de alguns QuestionáriosQuando São feitos pelos monitores

- São muito técnicos e não ajudam o aluno a se expressar;
- Contêm termos desconhecidos;
- São dados sem que o aluno saiba pesquisar;
- São feitos às pressas por falta de tempo ou membros da equipe;
- São generalizados e com partes afirmativas incluídas;
- Abrangem muitas coisas e o aluno fica perdido;
- Se tem uma pergunta com mais questões, respondem só à última;
- As perguntas castram a personalidade do aluno porque o constriem a seguir uma metodologia;

- A linguagem não é a mesma dos alunos;
- Em geral o questionário tem como ponto final o pai e não - deixa espaço para a comunidade e outras pessoas;
- Muitas vezes os pais não conhecem a metodologia do P.E. e o seu valor.

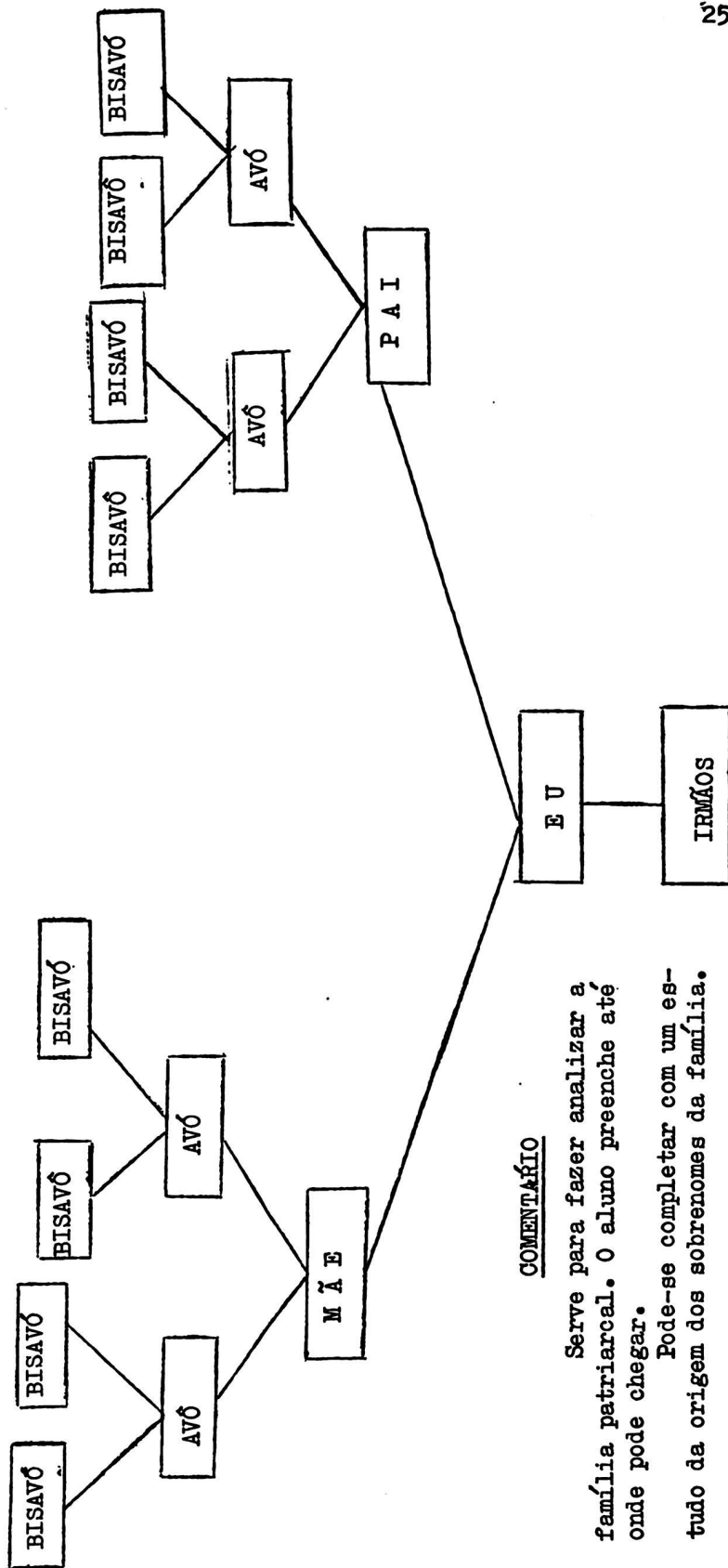
Quando são feitos pelos alunos orientados pelos monitores:

- A linguagem está mais perto deles;
- A orientação e revisão das perguntas ajuda o aluno a passar da síntese à análise dos fatos;
- O aluno sozinho faz perguntas que já tem resposta;
- O aluno percebe as coisas mas não dá explicação e, em geral, coloca o problema em cima do valor transcendental;
- Muitas coisas que ele vive passam despercebidas e a ajuda do monitor é fazê-lo refletir sobre isso;
- Os interesses dos adolescentes são limitados;
- As perguntas devem ser lógicas e com sequência no espaço e no tempo;
- Tem que restringir as perguntas até a área de pensamento do aluno, até ele encontrar a forma de se expressar.

3- Idéias para visualizar situações e vivências do meio

Todas as idéias propostas tem que ser experimentadas nas EFAs e depois melhoradas.

A ARVORE GENEALÓGICA DA MINHA FAMÍLIA



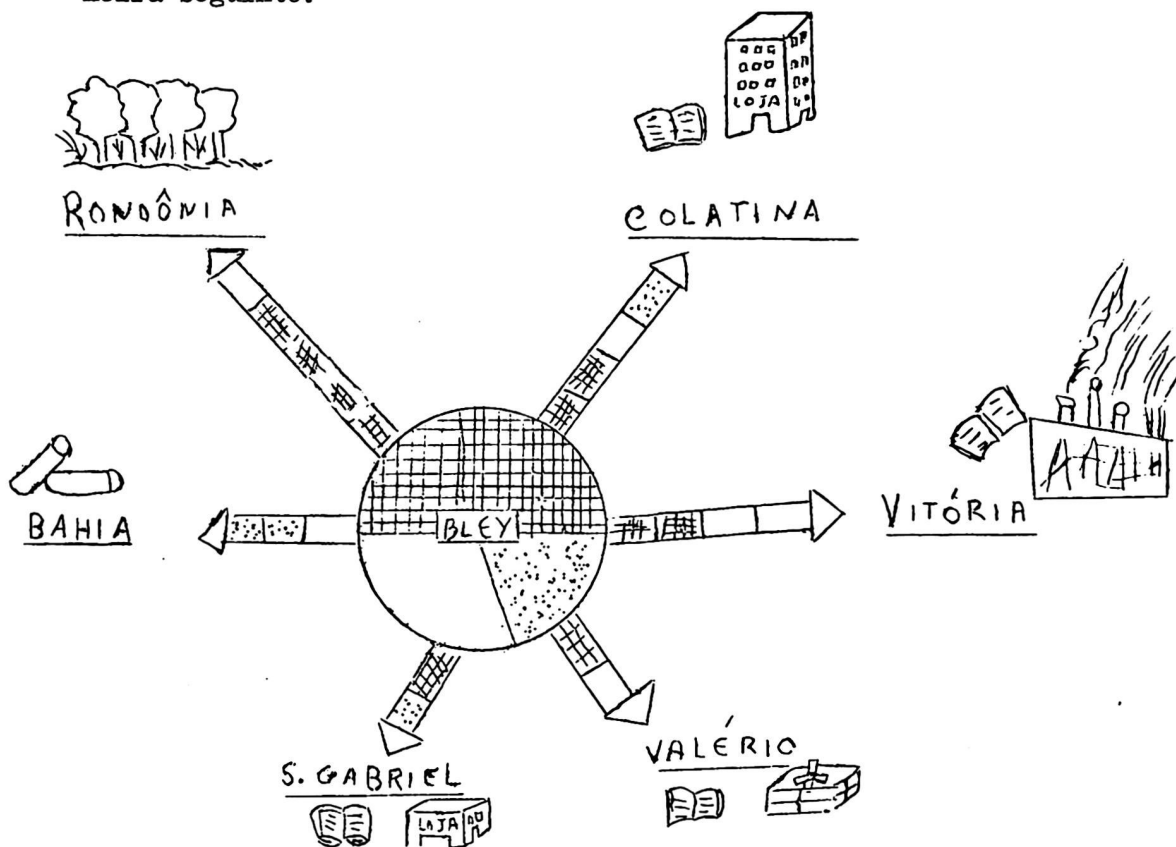
COMENTÁRIO




Serve para fazer analisar a família patriarcal. O aluno preenche até onde pode chegar.

Pode-se completar com um es-tudo da origem dos sobrenomes da família.

ÊXODO RURAL

Imaginemos que da comunidade do Bley, de janeiro de 1973 a julho de 1976 tenham saído 20 famílias de agricultores: 10 famílias de proprietários, 6 famílias de meeiros e 4 famílias de empregados. Tudo isso pode ser graficamente representado da maneira seguinte:



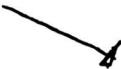








-  - Proprietários
-  - Meeiros
-  - Empregados




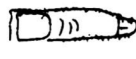



































A que se dedicam a gente depois do êxodo.

LEGENDA

Colheita do Arroz -	
Plantio do Arroz -	
Limpa -	
Colheita do Milho -	
Colheita do Feijão -	
Plantio da Banana (Rizoma) -	
Plantio do Café -	
Plantio da Cana -	
Plantio da Mandioca -	

COMENTÁRIO

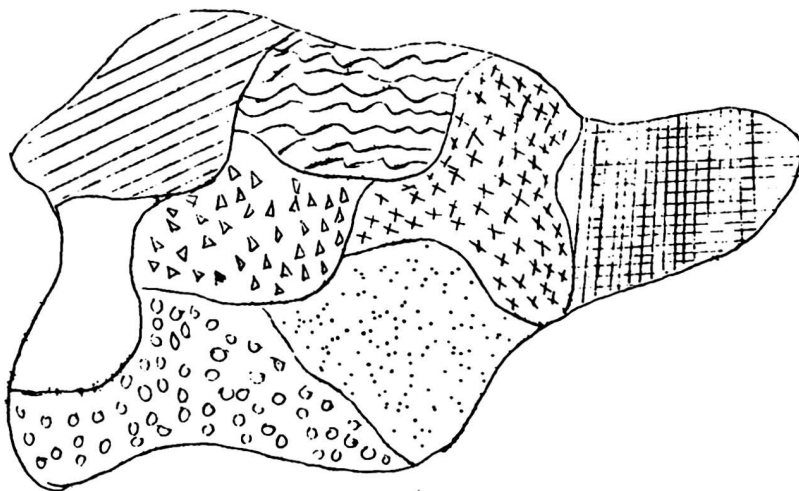
Serve para comparar as culturas: o crescimento e trabalho.

	JANEIRO	FEBREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
ARROZ												
MILHO												
FEIJÃO												
BANANA												
CAFÉ												
PASTO												
MANDIOCA												
UVA												

	JANEIRO	FEBREIR	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
ARROZ												
MILHO												
FEIJÃO												
MANDIOCA												
CANA												
CAFÉ												
PASTO												
BANANA												

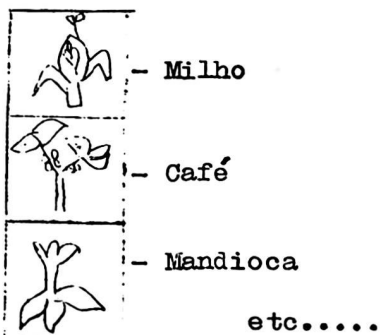
AS CULTURAS DE NOSSA PROPRIEDADE

O aluno pode copiar o mapa da sua propriedade que ele - tem em casa, junto com a escritura da terra, e marcar nele as - culturas, como no gráfico abaixo.



Dois tipos
de legendas.

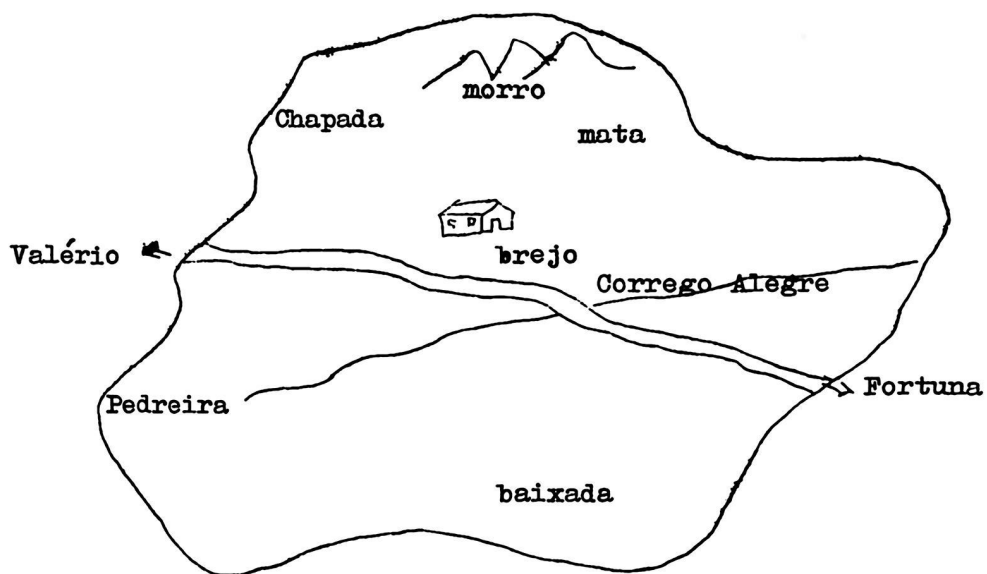
OBS. A legenda fica melhor se as várias culturas são representadas por pequenos desenhos, assim:



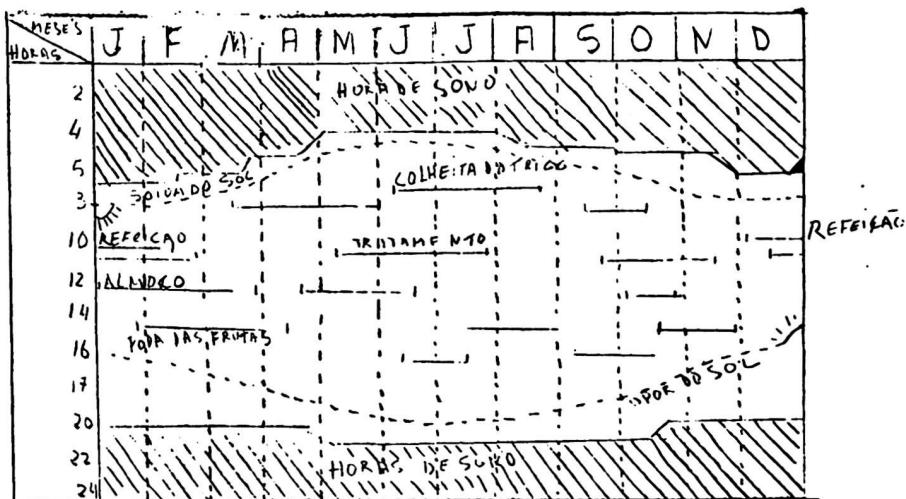
A TOPOGRAFIA DA MINHA PROPRIEDADE

O aluno pode copiar o mapa da sua propriedade e marcar - nele as estradas, os córregos, os morros, as ladeiras, as baixadas, o brejo, a chapada, etc....

Exemplo:

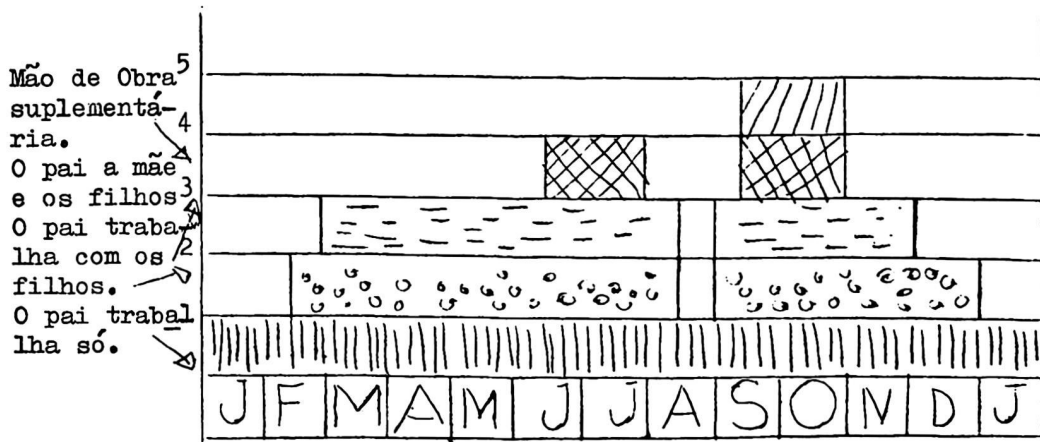


OS TRABALHOS DA MINHA PROPRIEDADE AO LONGO DO ANO



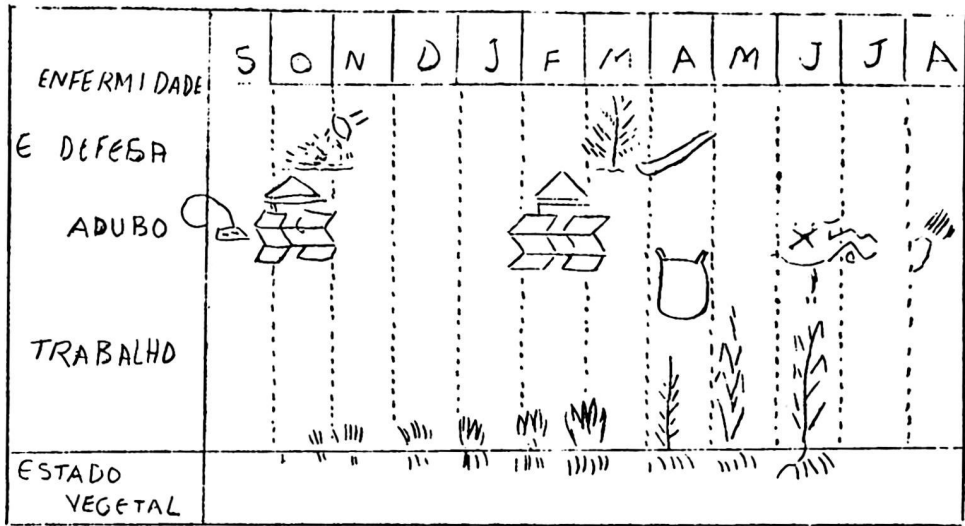
Comentário: Serve para ver quando há muito trabalho e pouco na propriedade.

A MÃO DE OBRA

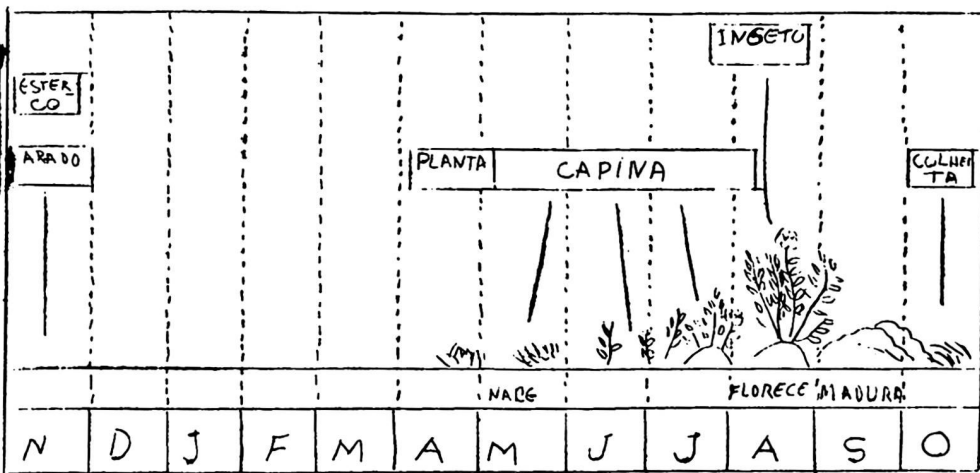


Comentário: Serve para estudar o trabalho da mão de obra durante o ano.

Estudo de um cultivo: as distintas fases

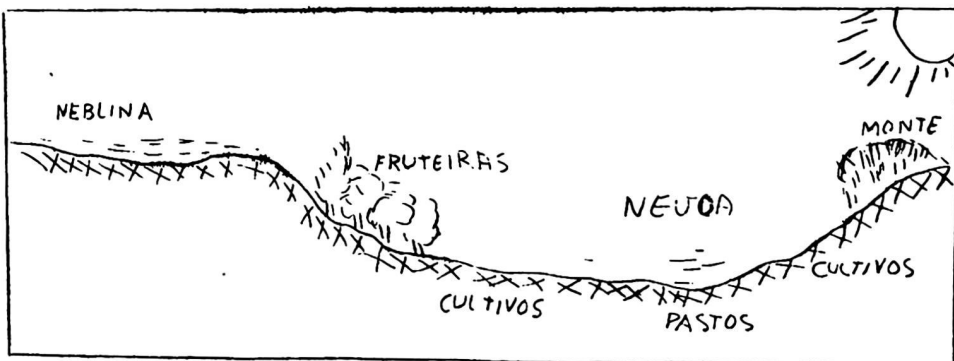


Trigo



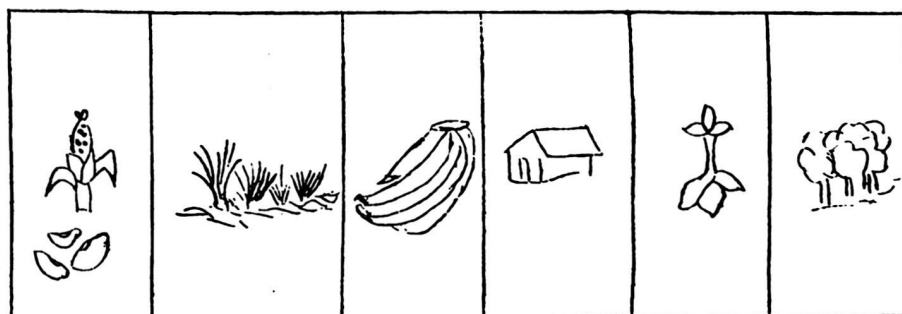
Batata

Cultivo segundo exposição al sol - A zona de lamas e montanhas.



Se poderia imaginar algo semelhante segundo os ventos

Distribuição das terras da minha propriedade



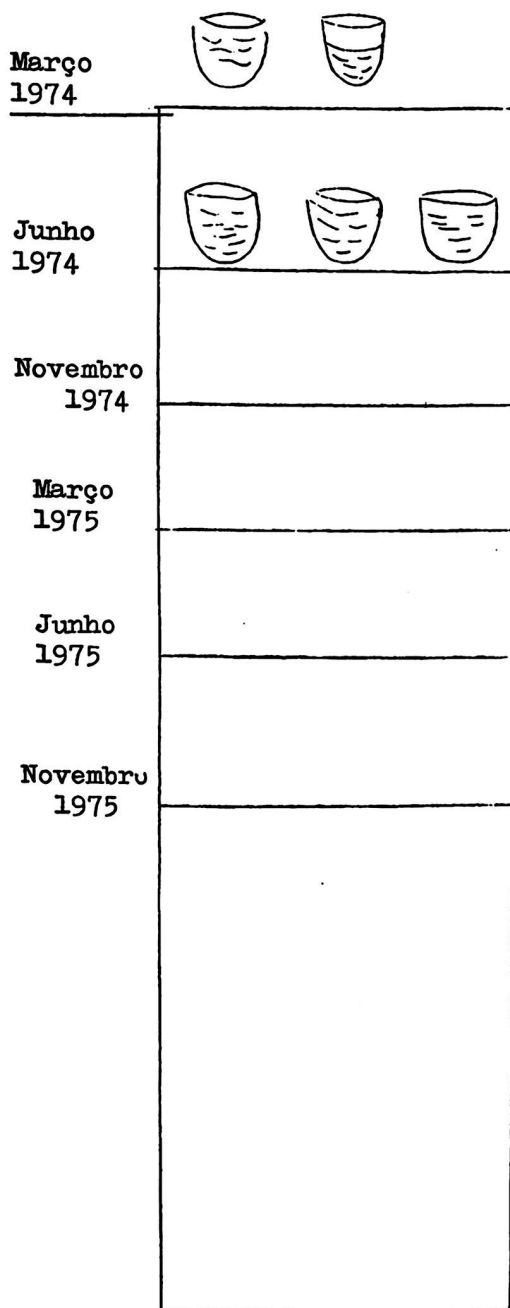
A Propriedade de 7 ha:

C U L T U R A S

- a)- Milho - Feijão
- b)- Pastos
- c)- Banana
- d)- Casa - quintal - Horta - Pomar.
- e)- Mandioca
- f)- Matas

L E G E N D A

- a)- 1,8 ha - milho - feijão
- b)- 1,2 ha - pastos
- c)- 2,0 ha - banana
- d)- 1,0 ha - Casa, quintal, horta e pomar
- e)- 0,4 ha - Mandioca
- f)- 0,6 ha - Mata



Comparação das produções

Serve para comparar as produções seguindo os anos, buscar as causas das diferentes rendas.

Legenda

Março de 1974 - Feijão
 Junho de 1974 - Café
 Novembro 1974 - Feijão
 Março de 1975 - Feijão
 Junho de 1975 - Café
 Novembro 1975 - Feijão

III.4- REGISTRO E CORREÇÃO DO PLANO DE ESTUDO

1- Apresentação dos problemas

Nas experiências das EFAs houve acerto por exemplo na dramatização pelos alunos em algumas boas redações. Mas, em geral, se sofre do desnível cultural dos alunos: as respostas são muito limitadas, mal escritas, Há dificuldade de ligar uma resposta com as outras.

Em síntese, os problemas são:

- De fazer desenvolver a expressão dos alunos

- os alfabetizados
- os semi-analfabetos

- De fazer com que o aluno tenha carinho com o seu caderno de propriedade.

2- Desenvolvimento da expressão nas respostas dos alunos

O momento tem que ser bem escolhido e organizado para que cada aluno seja atendido. A equipe de monitores distribui os alunos. Prever trabalho para os que não são atendidos.

Damos algumas sugestões:

- Se os alunos chegam na segunda-feira, uns depois dos outros, pode-se atendê-los à medida que chegam;

- Se chegam todos juntos (de ônibus por exemplo) dar exercícios ao conjunto e chamar depois um cada vez, ou atender rapidamente os alunos com menos problemas, dando-lhes sugestões para continuarem o trabalho sozinhos, enquanto isso ver os alunos que precisam mais de ajuda.

- Já se experimentou com alunos do 2º e 3º ano também a ajuda mútua. Isso dá resultado quando os jovens estão acostumados com o Plano de Estudo e estão bem em Comunicação e Expressão.

O primeiro trabalho do monitor é fazer desenvolver a expressão do jovem. Lembramos que o pensamento do aluno do meio rural é global. Expressa-se com poucas palavras. Se soubermos aproveitar este pensamento é rico. O trabalho do monitor consiste muitas vezes em perguntar: "O que queremos expressar quando dizemos" ao invés de mudar todo o texto, o monitor tomará de novo as perguntas de análise do questionário (quem, como, quando, etc...) deverá explicar de novo quando o aluno não compreendeu. Antes de tudo é importante ganhar a confiança do jovem, senão da próxima vez ele vai reduzir o seu conteúdo para ter menos correções.

O monitor também ajudará a buscar uma unidade a cada parte do texto, agrupar as idéias, evitar repetições. Enfim se tentará melhorar a forma: precisão dos termos, estrutura das frases, ortografia....

Nisso tem que ter uma progressão. Ela estará estabelecida pelo professor de Comunicação e Expressão, segundo o programa que está desenvolvendo. Por exemplo, se a semana passada se trabalhou a

pontuação, se pedirá ao aluno que faça a correção da pontuação no P.E. seguinte. À medida que se adianta o programa se exige mais do aluno.

É conveniente fazer uma ficha de acompanhamento dos alunos que serve também na matéria Comunicação e Expressão.

NOME.....					
Alternância.	Tema do P.E.	Pesquisas		Linguagem	
		Observaç.	Melhoramento proposto	Observaç.	Melhoramento proposto.

Assim o aluno pode seguir o seu progress.

O aluno pode ele mesmo preencher a ficha com o monitor.

3- A realização do caderno da propriedade

Mais que um rascunho passado a limpo, é a confecção de um texto próprio, bem apresentado, ilustrado, pelo qual o aluno terá carinho.

O monitor ensinará, como para qualquer trabalho, como colocar o título, sub-título,

sublinhar
recortar
adornar
ilustrar.

Quanto à ilustração deve-se respeitar a personalidade do aluno, mas guiá-la. Com efeito, o adolescente totalmente livre vai ilustrar com qualquer publicação seus sonhos, suas imagens projetadas mais que a sua própria realidade. Por isso o monitor tem que prever no questionário possibilidades de ilustrações.

Ver o trabalho já feito de "Idéias para visualização de vivências e situações de vida" - aproveitando esses trabalhos damos ao aluno oportunidade de ilustrar o seu texto.

4- Problemas dos alunos semi-analfabetos

Com problema de expressão oral e escrita

- Utilizar muito o desenho no questionário com a seguinte precaução:
fazer desenhos grandes, se o aluno desenha, senão fazer recortar, colar, etc.....
- Dar as perguntas de reflexão sobre as ilustrações
- Na volta à escola o aluno expressa oralmente a reflexão e o monitor escreve. O aluno depois copia parte ou tudo, conforme as suas possibilidades. O monitor o ajuda a fazer uma boa apresentação.
- À medida que os alunos vão progredindo, passar do desenho ao texto.

- I V -

UTILIZAÇÃO DO PLANO DE ESTUDO
NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS

OBJETIVO: Estudar como fazer o enlace entre vida-escola e escola-vida.

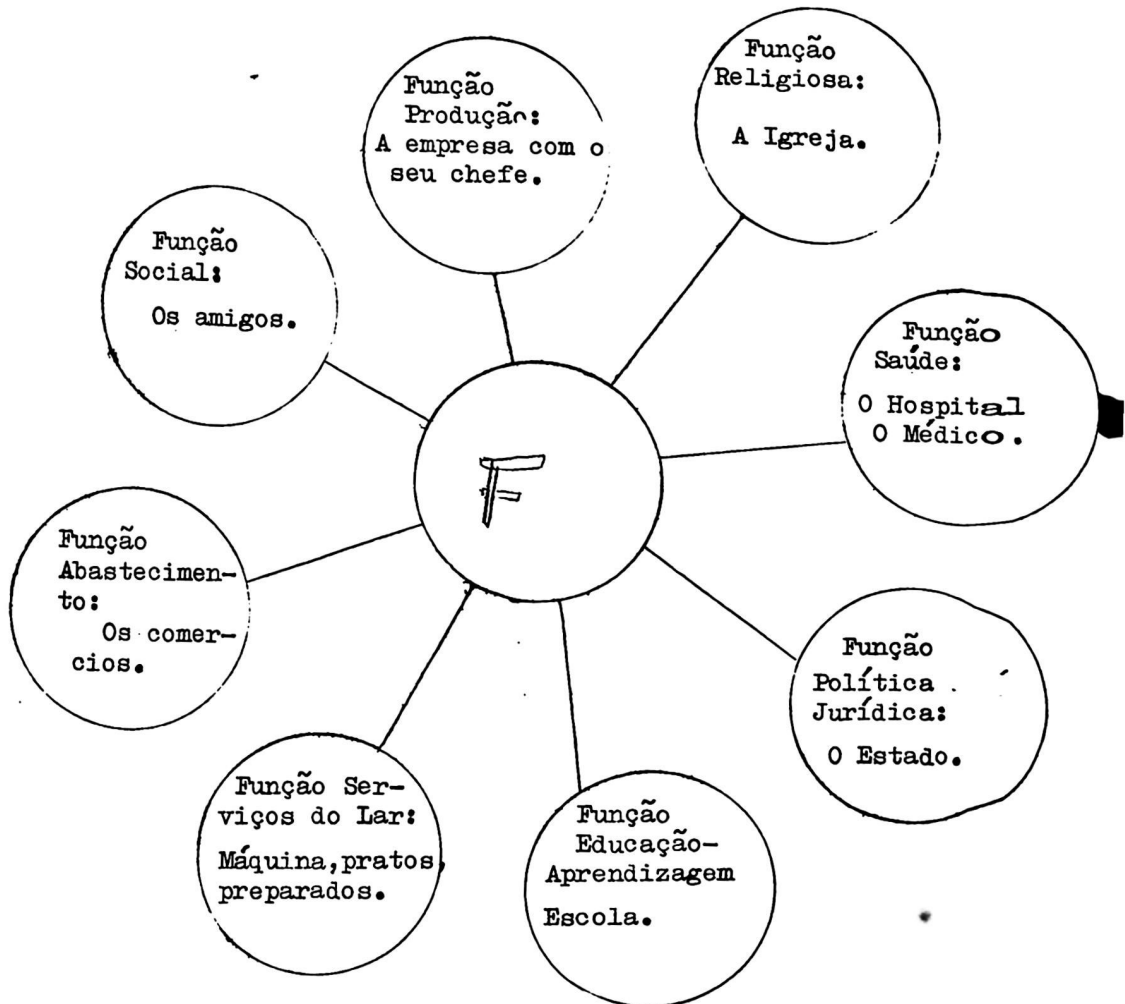
- 1- Como transformar a realidade do meio rural patriarcal em processo educativo.
 - 2- Como planejar a formação tendo em conta a realidade
 - fontes de vivências
 - planejamento anual
 - planejamento semanal
 - planejamento de uma unidade
-

1- Como transformar a realidade do meio rural patriarcal em processo educativo.

1.1. A família patriarcal, típica do meio rural

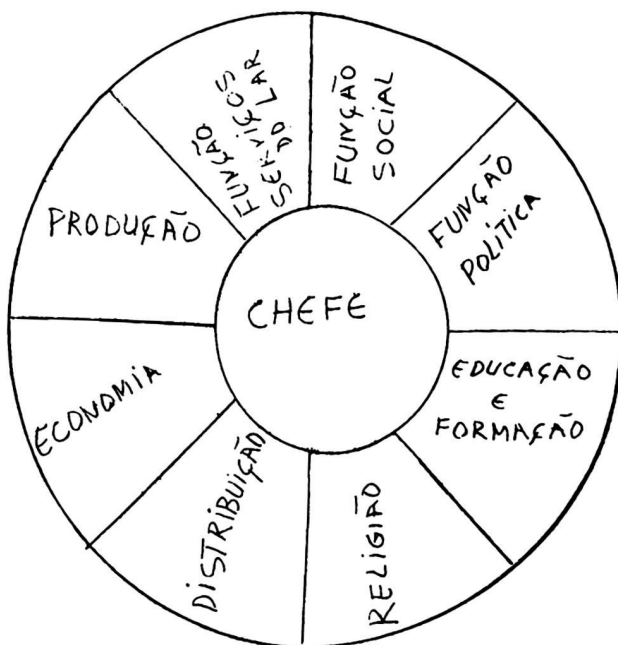
Costumamos tomar como ponto de referência a família urbana. Nela as diferentes funções técnicas, econômicas, sociais, culturais são muito descentralizadas.

Além da dispersão das funções, temos como consequência a dispersão da autoridade.



Tal descentralização pode chegar até a família não ter outra função senão biológica. Neste caso, a célula familiar está perto de sua destruição.

Ao contrário, a família patriarcal, que é pré-urbana e/ou extra-urbana, pelo seu isolamento, tem concentrada em si todas as funções: a empresa, relação social, etc... Como a descentralização urbana, a centralização da família rural tem graus: pode ser total ou somente ter algumas características.



Esta concentração de funções tem as seguintes características:

- Precisa uma grande concentração de pessoas (vai desde a família patriarcal até a tribo).
- Tem uma coerência muito forte:
 - * porque cada função dá força às outras (efeito de reforçamento), e uma célula cultural completa traz todas as possibilidades de viver (biológica) e todas as razões - de viver (cultural).
 - * Porque teve (e ainda tem) que viver em condições difíceis, o que reforça a unidade;
 - * cada função tem, normalmente, a sua autoridade. No caso da família patriarcal, a autoridade está concentrada em poucas pessoas:
 - às vezes só o pai
 - às vezes pai e mãe
 - às vezes os irmãos maiores

Além disso não se pode escapar a esta autoridade. A dependência é muito forte, e mais forte o seu sentimento de dependência.

Do ponto de vista dos valores, cada uma tem os seus valores próprios:

<u>URBANA</u>	<u>PATRIARCAL</u>
<u>Autonomia</u> , independência, liberdade, intimidade.	<u>Unidade</u> , segurança, potência, ordem, independência...
<u>Viver hoje</u> porque nos sentimos independentes.	<u>Transcendência</u> Porque nos sentimos dependentes

A família patriarcal viveu harmonicamente até

- a urbanização crescente
- os novos meios de comunicação

Isso tem como consequência:

- ONTEM - imagens projetadas = imagens enraizadas
- HOJE - imagens projetadas = imagens enraizadas

Ja sabemos que a adolescência, a juventude, é o período da automação - Então = êxodo rural.

1.2- As alternativas:

- Deixar a desintegração seguir o seu caminho, mas o custo social, pessoal, econômico, pode ser muito elevado.

SOCIAL: - destruição da célula básica da sociedade. Que podemos no seu lugar?

- urbanização desmedida.

PESSOAL: - uma cultura quebrada, sem ser substituída por outra;

- uma mentalidade de ressentimento e desapeço, - que desfavorece o desenvolvimento da pessoa.

ECONÔMICO: - o desgaste duma ferramenta essencial na economia regional, nacional, mundial: o espaço rural;

- acumulação de mão de obra sem emprego;

- acumulação de infraestruturas custosas e insuficiência permanente delas.

1.3- Pistas de trabalho para nós:

A nossa hipótese fundamental: construir uma nova imagem da família = uma nova família.

- repartição das funções entre os membros (responsabilidades);

- maior utilização dos serviços externos (econômico e social);
- entrada numa economia moderada, mais refletida e autocontrolada, de tipo cooperativo;
- equilíbrio entre enraizamento/abertura.

Os meios que podem responder:

- 1- Os monitores ter uma visão clara
- 2- A EFA imagem dum novo tipo de relação familiar
- 3- Uma tomada de consciência dos alunos
 - da família patriarcal
 - da família urbana
 - da vida no campo e da vida na cidade com as suas vantagens - equilibrar uma visão unilateral.
- 4- Uma tomada de consciência dos pais e da comunidade. Aqui chegamos de novo ao famoso problema: RELAÇÃO - ENTRE OS PAIS E A EFA.

Tal tomada de consciência é possível:

- Se a EFA é a EFA da Comunidade, das famílias;
- Se a EFA trabalha como EFA, quer dizer, provoca a tomada de consciência da comunidade ao mesmo tempo que dos jovens.

Analisando, encontramos outra vez:

- Relação física: - Que o pai se sinta na EFA como se estivesse em casa;
 - Que os monitores se sintam na sua comunidade na região da EFA;
 - Que os pais sintam a EFA fisicamente como a sua escola.
- Relação intelectual: - Que a comunidade aprenda a conhecer a fundo o que é a EFA; (necessidade de contatos, reuniões, linguagem compreensível).
 - Que os monitores aprendam a conhecer a comunidade (idem);
- Relação afetiva: - Que a comunidade sinta a EFA como a sua EFA; (o que supõe o precedente: relação física, intelectual)
 - Que os monitores sintam a EFA como a EFA da comunidade;
 - Que se desenvolva entre pais e monitores uma relação afetiva positiva: confiança, apreço...
- Relação sócio-política: - Que as famílias tenham poder sobre a escola;
 - Que conheçam e reconheçam o poder dos monitores, complementação do poder deles.

5--Não atuaremos sozinhos: A EFA sozinha é muito limitada. Temos que ter em conta as outras correntes, no MEPES e fora dele.

2- Como planejar a formação tendo em conta a realidade

2.1- Fontes de vivências

É a vida, o tempo que o jovem passa na sua propriedade, no seu lar, trabalhando com a sua família, fazendo experiência.

Mas estas experiências podem ou não chegar até os monitores. O trabalho deles será então criar canais para que as experiências da vida cheguem até a EFA. Um deles - privilegiado - é o Plano de Estudo. Dele depende a riqueza, a precisão, a amplitude dos fatos. Por isso também a busca tem que abranger todos os aspectos da vida do jovem e da sua comunidade: não somente os técnicos mas também os organizativos, econômicos, de saúde, etc.... Não só o que se fez ou o que se faz, mas também as opiniões, os desejos, as aspirações: numa palavra, a vida humana na sua globalidade.

Mas o Plano de Estudo não é a única atividade de busca de vivências. Investigações, levantamentos, observações, Entrevistas, Visitas, podem complementá-lo.

Por exemplo a um P.E. sobre: A minha comunidade, se pode juntar um levantamento sobre a história da Comunidade, o seu funcionamento, setores nos quais a família não está diretamente implicada, mas que fazem parte do seu ambiente.

Essas atividades podem ser organizadas segundo as necessidades pelo monitor que as necessita.

2.2. O planejamento anual na equipe de monitores

No começo do ano escolar, quando os monitores constroem o Plano de Formação de cada grupo de alunos, tem que preocupar-se de articular os temas de aula com os temas de P.E. (pelo menos em grandes linhas).

Primeiro deve-se analisar os temas possíveis e suas grandes linhas de conteúdo, segundo o modo de viver na região. Depois ver que temas de aulas se ligam com eles. Ao mesmo tempo deve-se ter bem presente o programa de cada área, para ver as possíveis mudanças realizáveis sem perturbar a lógica de construção do conhecimento.

Acontece muitas vezes que o monitor faz o contrário: começa pelo programa e termina com os Planos de Estudo. Isso se dá quando ele não domina suficientemente os conhecimentos: não vê bem as suas articulações, tem medo de mudar o programa.

Não se pode fazer um modelo único de Plano de Formação. Precisamente porque cada EFA trabalha com um meio que tem as suas vivências particulares, a adaptação deve ser diferente para cada uma:

Em geral, não existem grandes dificuldades para a relação com a matemática e linguagem, porque são instrumentos. Em qualquer Plano de Estudo se pode encontrar ou elaborar as bases para todo o curso de linguagem e matemática.

As Ciências Sociais enlaçam com todos os aspectos humanos; a Biologia, com a vida das plantas e animais; as Ciências Especiais, com o trabalho e as produções. O ideal seria encontrar, por período de 3 a 4 meses, temas fortes como centros das diferentes matérias.

A seguir, dois exemplos para planejar a ligação Plano de Estudo e Formação.

ARTICULAÇÃO VIDA - ESCOLA - PLANEJAMENTO ANUAL (TIPO FRANÇA)

Trabalha-se, em geral, 3 ou 4 temas fortes por ano. Cada um é utilizado durante 2 ou 3 alterações. De cada tema se prevê os temas de P.E. e outras atividades na vida, as matérias que podem vir como respostas às interrogações, partindo dos estudos precedentes. Depois se dá o resto do programa.

Deve-se prever um tempo forte de enlace VIDA-ESCOLA. O resto segue-se o programa.

TEMAS	P.E. e OUTRAS ATIVIDADES	MATÉRIAS CORRESPONDENTES	RESTO DO PROGRAMA

2.3- Planejamento semanal

Deve-se fazer com 3 semanas de antecedência para poder prever bem os temas de Planos de Estudo e outras atividades na vida em relação com as matérias e outras atividades de formação.

Mas o tempo delicado com os alunos é depois da Colocação em Comum. A formação de interrogações com os alunos permite prever a articulação semanal. Vamos insistir nisso:

A formulação das interrogações é uma etapa delicada: o aluno, durante a Escola primária, muitas vezes perdeu a sua curiosidade natural, porque o monitor talvez a perdeu também, e por isso não encontra relações entre os dados do P.E. e o desenvolvimento da sua matéria na aula.

Lembramos o método: O monitor teria que estimular, fazendo ele mesmo perguntas, perguntando aos alunos o que eles gostariam de saber, o que não entendem. Desta maneira deve ressurgir a curiosidade dos alunos. Isso vale se os alunos não fazem perguntas. Caso contrário, o monitor anotará e ordenará as perguntas. Mas quando se encontrar perguntas que não surgem entre os alunos. Deve ser de um certo modo promotor de curiosidade, mas deve cuidar para não projetar as suas próprias perguntas se elas não despertam interesse. O monitor não deve responder às perguntas durante a Colocação em Comum. As respostas surgem nas aulas. Uma vez colocadas as perguntas, o monitor responsável as classificará, mostrando onde se pode encontrar as respostas: aulas, visitas, atividades diversas... indicando o que será respondido na mesma semana e o que se tratará em outras oportunidades. Algumas EFAs costumam anotar num caderno ou fichas as perguntas, para que os alunos e monitores verifiquem se esta havendo resposta a todas. O ideal seria que a preparação da semana se fizesse depois da colocação em comum. Seria bom prever uma reunião entre monitores depois da colocação em comum para ajustar a programação da semana com as interrogações e as respostas dos alunos.

2.4- Planejamento de unidade ou tema

2.4.1- A fase de motivação do tema na aula

Tomamos como exemplo um tema sobre a importância dos sais minerais para os bovinos:

1)- Os fatos vivenciais: o que aparece nos Planos de Estudo, ou o monitor os faz surgir perguntando:

- Encontramos frequentemente em nossa propriedade bois que:

- * lambem os muros, as pedras
- * roem os troncos, as pedras

2)- Idéia geral: estes hábitos estranhos parecem mostrar que lhes faltam alguma coisa para viver e buscam fora da sua alimentação habitual.

- 3)- Interrogações durante o curso: Que elementos podem faltar-lhes? Os estudos que se fizeram mostram que se trata de sais minerais.

Esta parte toda é motivadora, porque lembra ao aluno o que ele conhece, mas não pode explicar. A coleta de dados e as interrogações saem da colocação em comum. Como ainda se trata das vivências, esta parte deve ser expressa na linguagem do agricultor e não do monitor. Durante este tempo, ele vai ajudar a classificar, precisar, aprofundar as observações. Depois a aula virá responder às perguntas colocadas:

- que são os sais minerais?
- porque o organismo animal tem necessidade deles?
- onde se encontram?.....

2.4.2.- Também devemos prever a volta à vida

- As atividades de transferência e de criação.

Se o método de alternância é somente fazer expressar as vivências e explicar, a EFA não cumpre com o seu papel - que é: capacitar o jovem para que ele melhore e transforme o seu meio. Por isso o aluno deve utilizar o que aprendeu.

As atividades de transferência e criação permitem ao aluno fazer o terceiro passo: sem isto, os dois primeiros deixam a aprendizagem inacabada.

Chamamos transferência o fato de poder aplicar o aprendido em situações diferentes. Por obrigar a encontrar uma situação nova, todo exercício de transferência leva a uma criação.

Podemos encontrar duas circunstâncias diferentes para realizar as atividades de transferência: A EFA e a propriedade.

Na EFA, o monitor guiará, mostrará ao aluno como fazer a transferência. As transferências na EFA são úteis, mas insuficientes, porque são artificiais: o aluno tem que encontrar soluções na vida real, quer dizer então que são indispensáveis transferências e criações na propriedade.

- Na EFA, uma maneira simples de elaborar exercícios de transferência é retomar as experiências das vivências, pedindo aos alunos para aplicar as razões a partir das experiências da aula. Por exemplo:

Sabemos que os animais, especialmente no tempo da seca, quando faltam alimentos, lambem pedras, paredes, etc. Agora podemos explicar:

- a que se deve este fenômeno
- o que o agricultor pode fazer quando constata isto.

O monitor tem que seguir os alunos para que eles não fiquem com a resposta de sentido comum, mas ajudá-los a colocar a explicação científica. No começo é difícil ao aluno porque não vê a utilidade da transferência.

Outra maneira, mais completa, é colocar outros casos da realidade, distintos das experiências das vivências. Por exemplo: - passar dos problemas do gado aos porcos, galinhas, o homem, etc....

Os exercícios de transferência e criação em casa são mais completos, porque realizam o ciclo completo realidade— ciência— realidade. Por isso são indispensáveis e o monitor tem que dar muita importância a eles. Mas também são mais difíceis na sua realização, porque precisam:

- como mínimo que o monitor conheça os trabalhos que se faz na propriedade, em que período, como participa o - jovem....

- melhor ainda, que o monitor tenha acordo com os pais para que eles ajudem e estimulem seus filhos.

Neste momento, os exercícios de transferência se integram nos trabalhos que fazem os alunos com o pai e a mãe.

Para que o trabalho seja eficaz e completo (experiência— reflexão) o monitor e o aluno (quando é possível o pai e a mãe) devem prever a tarefa, a reflexão, a avaliação da tarefa (entre monitores, pais, alunos).

EM CONCLUSÃO: Normalmente os exercícios de transferência e criação devem abrir novas interrogações. O jovem não deve ficar com a impressão que já resolveu tudo, o que pode acontecer mais facilmente se os exercícios são feitos somente na escola. O interesse de fazer realizarem tarefas na propriedade e no lar (e refletir sobre elas) é que faz descobrir que se precisa saber mais. Assim nascem novas motivações que permitem seguir a aprendizagem.

RELAÇÃO DOS PARTICIPANTES

- 1- Ednys Antonio Orlandi
- 2- Regina Maria Fiorini Marinato
- 3- Bruno Daniel
- 4- Osete Pilon
- 5- Claire Marie Morandean
- 6- Adilson Rodrigues Gomes
- 7- Celina Bassani
- 8- José Carlos Lobino
- 9- Leacy Paulino
- 10- Sonia Bagatol Queiroz
- 11- Maria da Penha Zanotelli
- 12- Olga Raasch
- 13- Marta Lorencini
- 14- Madalena Bassani
- 15- João Bosco Bermond
- 16- Giovanni Fusi
- 17- José Leonir Taques
- 18- Devaldir dos Passos
- 19- Pasquale Tonon
- 20- Maria Merlon Tonon
- 21- Maria da Glória Volponi Nascimento
- 22- Lourdes Maria Paganini
- 23- Sérgio Zamberlam
- 24- Cleusa Maria Correia
- 25- Waldecir Gaigher Loureiro
- 26- Cleb er Lúcio Carrara
- 27- Michel Pierre Daniel Faucom
- 28- Inês Eunice Bassanezi
- 29- Idalgizo José Monequi
- 30- Maria Zélia Barreto
- 31- Thierry De Burghgrava
- 32- Wilson Tavares
- 33- Demostines Batista Rola.

Equipe de Redação

- Michel Pierre Daniel Faucom
- Regina Maria Fiorini Marinato
- Valentin Augusto Marinato
- Maria da Penha Bagatol Queiroz (Secretária)